

Recicladores independentes são os maiores responsáveis pela coleta seletiva

Edmarcio A. Monteiro
edmarcio.august@wha.com.br

Gustavo Silva percorria ontem de manhã as ruas do Parque Industrial, em Campinas, recolhendo latas de alumínio antes da passagem da coleta seletiva mantida pela Prefeitura. Desempregado há três anos, desde que perdeu a vaga de repositor de mercadorias em um hipermercado, ele tem na venda do material a única fonte de renda, ganhando entre R\$ 100 e R\$ 200 por semana, que muitas vezes são insuficientes somente para as despesas básicas. "Na semana passada, acabou o gás de cozinha e até agora não consegui comprar", revelou.

Desde então, alimenta-se com as doações que recebe enquanto percorre as ruas da cidade. Silva, de 38 anos, é um dos exemplos da informalidade que passou a dominar a coleta seletiva em Campinas. Atualmente, há cerca de 200 recicladores independentes em atividade, que recolhem em torno de 1,2 mil toneladas por mês, o dobro das 600 toneladas mensais obtidas pelas três modalidades mantidas pela Prefeitura, segundo estimativa divulgada pelo secretário municipal de Serviços Públicos, Ernesto Dima Paulella.

Cidade conta com 200 trabalhadores informais no setor

A expansão dos informais, explicou Paulella, ocorreu a partir do início da pandemia de covid-19 no país, em março de 2020. "Nos invernos que sucederam a coleta seletiva por determinação da Vigilância Sanitária, coincidindo com um período em que muitas pessoas perderam o emprego", explicou ele. Isso fez com que muitos homens e mulheres buscassem a sobrevivência com a coleta seletiva. Na jornada de ontem, Gustavo Silva saiu do Jardim do Lago, onde vive sozinho, para percorrer uma distância de 20 quilômetros ida e volta até a avenida Nossa Senhora de Fátima, no Taquaral.

Pelo caminho, pegava as latas de alumínio, que eram guardadas em sacolas plásticas amontoadas no carrinho de bebê usado para transportar a carga acumulada. A escolha do material é lógica. É possível carregar um grande número de unidades em pouco espaço. Além disso, o preço compensa: entre R\$ 8 e R\$ 9 o quilo. "Plástico e papel, hoje em dia, quase não dão nada", explicou o catador. Os preços pagos por esses materiais são, respectivamente, de R\$ 2 e de R\$ 0,80 o quilo, informou. Para colocar um rodado no bolso, Silva previa retornar para casa por volta de 23 horas, ou seja, depois de uma jornada de mais de 12 horas percorrendo pela cidade.

DA SALA DE AULA PARA A RECLAMEM
A pedagoga Rosmary da Silva Geraldo trocou a sala de aula pela coleta seletiva. Formada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), ela chegou a dar aulas, mas hoje vive do material que recolhe em 12 prédios residenciais distribuídos por bairros como Castelo, Guanabara e Jardim Chapadão. Ela trabalha com a sócia e companheira Andréa Teixeira. Conseqüentemente, percebem que era mais produtivo e rentável conquistar a adesão dos moradores de apartamentos.

Para isso, passaram a fazer reuniões em igrejas e condomínios para explicar a importância da reciclagem. "Isso não é lixo, é material que vale dinheiro, ajuda a preservar o meio ambiente", explica Rosmary. Ela fala com orgulho da atividade e não vê demérito. "As pessoas precisam se conscientizar e parar com os preconceitos", completa.

O casal usa uma Volkswagen Kombi para recolher o material, veículo adquirido com o dinheiro ganho com o trabalho. "Eu sempre trabalhei com reciclagem. Meu pai e minha mãe já faziam isso", afirmou Andréa, que convida Rosmary para trabalhar com ela. Ela divide a semana entre as atividades de coleta, separação e acondicionamento dos recicláveis em bags, como são chamados os sacos grandes, que são recolhidos uma vez por mês por empresas que compram o material. A dupla já chegou a ter funcionárias para ajudar no trabalho, mas hoje fazem todo o trabalho por conta da queda no valor pago pelos recicláveis. Mesmo assim, segundo elas, "dá para viver sem aperto". "Podemos ter passado um pouco apertado no começo, mas agora está tranquilo", garantiu Rosmary. Ao contrário delas, Gustavo Silva também pega recicláveis em sacos de lixo e contêineres espalhados pelos bairros de Campinas.

O coletor informal admite o risco de acidentes, como se contor com vidro, e a insalubridade, expondo-se ao perigo de doenças. Porém, ele enuncia na coleta seletiva uma atividade temporária e não perdeu a esperança de conseguir um emprego com carteira assinada. O reciclador manda currículo continuamente para empresas e espera obter uma resposta positiva em algum momento.

AMPLIACAO
O secretário Ernesto Paulella avaliou com interesse a



Formada em Pedagogia, Rosmary da Silva Geraldo trocou a sala de aula pela coleta seletiva: "Isso não é lixo, é material que vale dinheiro, ajuda a preservar o meio ambiente"

TRABALHO FUNDAMENTAL

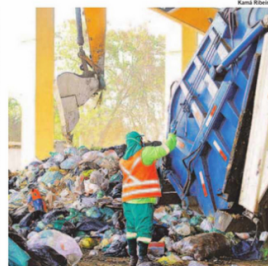
Recicladores independentes impulsionam coleta seletiva

Trabalhadores informais são responsáveis pelo recolhimento mensal de 1,2 mil toneladas de material reciclável das casas e ruas de Campinas



Na vida diária, até carrinho de bebê é utilizado para coletar materiais recicláveis pelas ruas de Campinas

meia nacional de 2%, apontada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, comparando Paulella. Atualmente, a Prefeitura de Campinas tem três ações formais de coleta de lixo reciclável: recolhimento feito pela permitida do serviço de limpeza, as dez cooperativas de reciclagem contratadas e os pontos fixos de descarte voluntário. Este mês, o serviço foi ampliado para o Swiss Park, bairro de Campinas com três ações formais de coleta de lixo reciclável: recolhimento feito pela permitida do serviço de limpeza, as dez cooperativas de reciclagem contratadas e os pontos fixos de descarte voluntário. Este mês, o serviço foi ampliado para o Swiss Park, bairro de Campinas com três ações formais de coleta de lixo reciclável: recolhimento feito pela permitida do serviço de limpeza, as dez cooperativas de reciclagem contratadas e os pontos fixos de descarte voluntário.



Trabalho realizado pelos recicladores independentes ajuda, entre outros aspectos, a ampliar a vida útil dos aterros sanitários

ção concomitante dos coletores informais e estimou que isso ajudará Campinas a atingir até o final do ano a reciclagem de 7% de todo lixo gerado em Campinas, que gira em torno de 26 mil toneladas por mês. Até maio, o índice ficou em 5,6%, contra 5,3% em 2022. Esse é o mesmo percentual de 2019, último ano antes da pandemia. A taxa local é superior à

Em 2021, 98,7% das latas comercializadas em todo o país foram recicladas, o maior volume da história. Para se ter uma ideia da grandiosidade dos números, das mais de 414 mil toneladas de latas comercializadas, 409 mil toneladas foram recicladas, segundo o Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima.

Para cada um quilo de alumínio reciclado, são poupados cinco quilos de bauxita, sendo que, somente em 2021, foram economizados 2 milhões de toneladas desse mineral. Segundo o ministério, entre 2019 e 2021 a reciclagem proporcionou uma redução de 70% no consumo de energia, 65% no consumo de água e queda de 70% nas emissões de gases de efeito estufa.

O secretário-executivo da Recicla Latas, Renato Paquet, destacou que a reciclagem da lata de alumínio é referência no Brasil e no mundo, com o aperfeiçoamento contínuo do sistema de logística reversa. "Em cerca de 60 dias, uma latinha pode ser comprada, usada, coletada, reciclada, virar latinha de novo ou voltar ao supermercado. Podemos afirmar que o Brasil é exemplo para o mundo e a indústria da lata de alumínio para bebidas contribui para a descarbonização e a economia de energia, dentre tantos outros benefícios ambientais e sociais", apontou Paquet. A Recicla Latas é uma associação sem fins lucrativos criada e mantida pelos fabricantes e recicladores de latas de alumínio para bebidas do Brasil.

O Panorama dos Resíduos Sólidos, elaborado pela Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (Abrelpe), mostrou que o país produziu no ano passado 600 dos 614 bairros atendidos pela coleta seletiva, incluindo os que são cobertos apenas pelos informais. "A coleta seletiva, além de ter um impacto social de geração de renda, preserva os recursos naturais, pois são árvores que deixam de ser cortadas para produção de papel, bauxita que deixa de ser extraída para fazer alumínio, além de reduzir o descarte em aterros sanitários, que passam a ter uma vida útil maior", explicou Paulella. Esse trabalho fez com que o Brasil se tornasse o recordeista mundial no recolhimento e reciclagem de latas de alumínio.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Popular - Campinas/SP

Seção: Cidades Caderno: A Pagina: 5